

ELEIÇÕES

NÃO SE ESQUEÇA DA IMPORTÂNCIA DO SEU VOTO NO DIA 12 DE DEZEMBRO.

É IMPORTANTE QUE CUMPA O SEU DEVER DE ELEITOR.

A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI

9-12-76

Composto e Impresso

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20

Telef. 92091

RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Rua da Carreira

Telef. 6 25 36

LOULÉ

Vamos todos votar

No próximo dia 12 de Dezembro TODOS temos que votar, pois esse acto será uma clara demonstração de uma maturidade política que precisamos ter... para não nos deixarmos enganar por falsas promessas.

Loulé, todo o concelho de Loulé deve estar presente e votar em consciência.

Como?

Para quê?

Em quem vamos votar?

A votação é em pessoas ou em partidos?

São estas as principais interrogações que se põem a cada um de nós.

O facto de à Câmara de Loulé concorrerem independentes levantará sérios problemas de consciência a muitos eleitores.

Porque a grande interrogação é saber-se se, nas Câmaras onde predomina o partido que não está no Governo, qual será a linha predominante?

É salutar que haja Câmaras com gestores que não se sintam moralmente obrigados a dizer «Amem» ao seu partido, porque só assim teremos uma administração dinâmica e sem compadrios.

...Porque, no tempo da «outra Senhora» quase todos eram obrigados a dizer «Amem».

E até se conta de um vereador que, nas reuniões, estava «sempre de acordo com o sr. Presidente», mesmo antes de se conhecer a sua opinião.

Esperemos que isto não volte a acontecer. É para isso que precisamos de pessoas válidas a colaborar nas Autarquias Locais.

Vamos TODOS votar e esclarecidamente.

Não faça a cruz um qualquer lugar.

Não pense que o seu voto, por ser apenas um, não fica fazendo falta.

Não fique em casa.

Currente calamo

Assim vale a pena

Vale a pena, porque o jornalista presta um bom serviço aos leitores do jornal, mostrando-lhe com verdade a face ignorada dos Serviços do Registo Civil.

Vale a pena, porque o dirigente desses Serviços põe à prova as suas

A expansão de Voz de Loulé

Testemunho indelével da boa aceitação de um jornal é o contínuo aumento da sua tiragem.

É isso que «A Voz de Loulé» pode realçar porque é cada vez maior o número de amigos com que conta.

Temos, pois, que agradecer àqueles que vêm até nós com o pagamento da sua assinatura e o estímulo da sua palavra amiga, que nos encoraja a prosseguir e a marcar a nossa presença como um símbolo de resistência a qualquer ditadura que, de novo, nos queira calar.

Já bastaram os 50 anos de silêncio. Agora queremos, sim, contribuir para a construção de uma democracia autêntica, onde até existe um Partido Comunista a contestar os erros dum Governo e a defender os interesses dos portugueses (só).

Que este país não mais precise de um Partido Único para que todos possamos viver em paz, são os nossos desejos.

Por agora queremos agradecer aos nossos novos assinantes a gentileza da

(continua na pág. 5)

Instituto Universitário de Faro

Em breve, uma realidade?

Por MARIO ALONZO

Deu os seus primeiros passos, no ano transacto, e graças ao precioso contributo prestado pela Universidade de Lisboa, através das Faculdades

qualidades de organização e método e obtém êxito.

Vale a pena, porque os funcionários podem ver orientado, frutificado e compreendido o seu esforço.

Mas, o que é que «vale a pena»? Vale a pena informar com honestidade, dirigir com disciplina, trabalhar com método e com método e disciplina atender o público.

E nem sempre é fácil atender o público.

Deste público o menos que se espera é compreensão: compreensão e colaboração. Pois não está certo, nos dias que vão correndo, que se che-

(continua na pág. 7)

ASSIM VAI QUARTEIRA

(LER PÁGINA 8)

TRÊS VIVENDAS A CADA LORPA

(LER PÁGINA 8)

Dois louletanos em evidência

Num almoço de confraternização há dias realizado na «Casa do Algarve», o nosso ilustre conterrâneo e amigo Prof. Joaquim Laginha Serafim, anunciou a sua breve retirada para Maputo (Lourenço Marques, no tempo dos portugueses) em cuja Universidade vai leccionar.

Certamente aí continuará a demonstrar a sua capacidade intelectual já revelada, também, como professor distinto da Universidade de Coimbra.

Se bem que lamentável o seu afastamento de Portugal, concordemos em que Maputo bem precisa dos nossos valores, para que os moçambicanos não se esqueçam da língua portuguesa, antes que os obriguem a aprender russo ou chinês.

Entretanto para Moscovo onde aprenderá filosofia na já conhecida Universidade «Patrice Lumumba», partiu há dias para aquela cidade da URSS, com uma bolsa de estudo, o nosso conterrâneo sr. Vitor Gonçalves Aleixo, filho do sr. Vitalino Aleixo, proprietário da Livraria Aleixo, da nossa praça e neto do conhecido poeta António Aleixo.

AINDA A ESTRADA PARA LISBOA e os acessos ao Sotavento do Algarve

Julgo não haver alguém que faça de gosto, o trajeto pela estrada do Caldeirão, com as suas milhentas curvas, contracurvas e faltas de rélévé, quando tenha de vir ou ir à capital do País.

Mas, como é a mais curta distância entre o Sotavento e o centro do Algarve, todos se viam obrigados a

servir-se dela e a correr os incómodos que a sua utilização provoca.

O troço entre S. Braz de Alportel e Almodôvar está mais que corroído, pelo intenso trânsito que suporta e a tal ponto que há quem procure a nova estrada S. Bartolomeu de Messines-Ourique para se livrar da

(continua na pág. 7)

Nós, os trabalhadores

Nós, os que trabalhamos sem olharmos ao relógio para sabermos quantos minutos faltam para irmos para o café.

Nós, os que trabalhamos sem horário de trabalho, sem férias, nem subsídio de férias, nem regalias sociais.

Nós, os que não fazemos reivindicações nem plenários.

Nós, os que não temos vagar de ir a comícios, plená-

(continua na pág. 5)

CARTA A UM LEITOR INGÉNUO

DAR A OUTRA FACE...

Tu, leitor, que te dignas conceder-nos os segundos de atenção necessários à leitura destas linhas, tiveste, certamente, ao longo da tua vida quem te fizesse bem e quem te fizesse mal. É natural!

Mas supõe que, entre estes últimos figura um misterioso personagem estrangeiro que, desde sempre, vinha cobigando o que é teu e que mais prezas: a fazenda, os filhos (e as filhas) e a própria honra. E que, um dia, esse génio do mal, beneficiando da traição cúmplice de alguns dos teus filhos — exactamente os menos capazes e possuidores de vil carácter (a hereditariedade tem destes caprichos) — concretiza os planos de há muito cogitados e te rouba as tuas melhores courelas, dizima os teus rebanhos, te assalta a própria casa, te delapida os haveres e te esvazia a bolsa amorosamente recheada ao longo de uma existência de trabalho e privações

e, para cúmulo, te enche a alma de ignomínia, desrespeitando a tua mulher e as tuas filhas e lançando-as no lamaçal da desvergonha e do vício.

E supõe agora que, consumada toda essa obra de traição, de destruição e vilipêndio, o tal personagem aparece despidoradamente na tua própria terra, se passeia à porta da tua casa acambrando com os teus filhos, os tais que te traíram e te abandonaram e, em coro com eles, ainda zomba da tua desgraça e

(continua na pág. 3)

Exposição de arte no Casino de Vilamoura

De 10 a 15 de Dezembro estará patente no Casino de Vilamoura uma Exposição de trabalhos executados por artistas de várias especialidades que, certamente, irá despertar extraordinária curiosidade entre os apaixonados da Arte.

Um dos expositores é Manuel H. de Oliveira, hábil pintor já muito

(continua na pág. 6)

O COMUNISMO E A DESTRUÇÃO DO HOMEM

A Humanidade encontra-se, nos nossos dias, perante o maior perigo de toda a sua história: a ideologia comunista. Está em perigo o Homem, estão em perigo os Valores, que são a própria definição do Homem, está

(continua na pág. 5)

Carnaval no Algarve

— cartaz turístico que se prepara com afã

Tem tradição o carnaval algarvio, como jornada de contagiante alegria e festividade que usualmente atrai a esta região muitos milhares de visitantes. Estamos assim em presença de um elemento potencial capaz de, em época da estação turística baixa, chamar muito público ao Sul da Europa, com o movimento que o turismo para viver necessita. Carnaval no Algarve, sob um clima excepcionalmente be-

nigno, pode ser um grande cartaz internacional como verdadeira festa popular no pleno ressurgimento de toda uma tradição. Alia-se-lhe também e naturalmente o facto de, não raro as festas carnavalescas coincidirem com esse outro festival da natureza que é a floração das amendoeiras.

Ciente destes propósitos e no âmbito da missão que lhe incumbe a

(continua na pág. 7)

CONSIDERANDO...

Considerando que os comunistas pretendem o monopólio de tudo, incluindo o direito de dominar o mundo inteiro, nós propomos ao Mundo que lhe conceda mais um monopólio: o do uso exclusivo das belas e inebriantes palavras: LIBERDADE, PAZ e DEMOCRACIA.

...Porque, sem os comunistas, estas encantadoras palavras não têm qualquer sentido.

Etudo o vento levou...

É o título de um filme há dias exibido em Loulé, reposição dos tempos de um cinema diferente.

Não é, porém, de cinema que vamos falar.

Apenas o título nos faz recordar aquilo que o «vento levou» deste país durante os 30 meses de «Processo em Curso».

Esse vento daninho que arrastou as pessoas ao aviltamento das mais sãs e fortes amizades. Que semeou tempestades e está colhendo ódios. Que provocou o corte dos mais puros laços de amizade e amor entre casas, pais, filhos e outros familiares.

Que destruiu bens e a concórdia, a paz, o bom entendimento entre tantos milhões de portugueses.

Que semeou a desconfiança e o rancor entre trabalhadores.

Que provocou explosões de ódio entre aqueles que infantilmente foram apontados como explorados e os que estupidamente se apontavam como exploradores.

Esse vento gelido, oriundo de gelidas estepes, que chegou até nós para destruir o espírito de equipa, nas fábricas, nas oficinas, nas lojas, nos campos e em todos os locais de trabalho.

Que aniquilou o gosto pelo trabalho, o amor à profissão. Que despertou no homem o recalcamento da sua fúria sanguinária por situações de frustração acumuladas ao longo duma vida.

Que fez perder o estímulo por mais cultura, mais instrução, mais competência.

Esse vento gelido que silenciou a palavra Amor. Que abafou a palavra Amizade. Que anulou o gesto fraterno e puro, no momento exacto.

Que fez perder a graça de uma graça entre amigos desconhecidos, à frente de quem só se pode falar agora se fôr do «nosso» partido.

Esse vento que anulou a possibilidade de empresários e trabalhadores poderem confraternizar em dias festivos e até poderem falar mal do Governo, da Pide e da feroz Censura que nos amordaçava.

O sorriso franco e aberto duma algarviada feliz e descontraída, acabou para muitos milhares de portugueses que se viram espoliados dos seus bens, que fugiram das suas casas, que perderam o fruto do seu trabalho de anos de persistente labor.

Vivemos a vida triste, dos tristes países de Leste.

Trouxe-nos esse vento agreste a gelidez de relações entre casais e

pais/filhos, que sempre se amaram. A agressividade entre professores e alunos que antes se respeitavam. O rancor entre amigos e conhecidos que se estimavam.

Esse vento levou-nos o sossego nas ruas, fez perder a confiança na autoridade. Fez-nos perder a confiança no futuro.

...E tudo isto o vento levou...

Para que fosse dado cumprimento a um cruel programa ardilosamente preparado pelo partido de Moscovo para destruição sistemática e brutal de uma Nação e dos seus mais altos valores.

Conseguirá?

M. A.

EM ALMANSIL

Mas que grande confusão...

Aborrecido com o seu próprio nome, esteve há dias na nossa redacção o sr. Manuel Diogo Sebastião (carpinteiro) para nos pedir que esclarecéssemos a população de Almansil que não é simpatizante do «Povo Unido», como erradamente tem sido interpretada a inclusão do seu nome na lista daquele partido.

O que acontece é que reside, também em Almansil, um outro indivíduo com o nome igual o seu, mas que tem a profissão de trabalhador rural.

A referência às diferentes profissões é, portanto, a melhor forma de esclarecer as pessoas de Almansil que o candidato pelo «Povo Unido» é o sr. Manuel Diogo Sebastião (trabalhador rural) e não o sr. Manuel Diogo Sebastião (carpinteiro).

«A Voz de Loulé», n.º 602 de 9-12-76

«A Voz de Loulé», n.º 602 de 9-12-76

«A Voz de Loulé», n.º 602 de 9-12-76

Habilitação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de ontem, lavrada de fls. 38 a 39, do livro n.º B-91, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Joaquim Francisco dos Barros Júnior ou Joaquim Francisco de Barros Júnior, ocorrido no dia 21 de Junho do ano corrente, no Hospital da cidade de Faro e freguesia da Sé, natural de Almansil, concelho de Loulé, habitualmente residente no sítio do Esteval, da mesma freguesia de Almansil, no estado de casado em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com Gertrudes da Piedade Mendonça, também conhecida por Gertrudes de Sousa Mendonça, actualmente sua viúva, natural da freguesia dita de Almansil, residente no mesmo sítio do Esteval, que não deixou testamento, foi habilitada, como sua única descendência, a filha:

Cecília Maria Mendonça Barros, casada segundo o regime da comunhão geral de bens, com José Fernando Marques Cabeceira, natural da aludida freguesia de Almansil, e residente no sítio do Vale da Venda, da mesma freguesia.

Está conforme. Secretaria Notarial de Loulé, 24 de Novembro de 1976.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.º publicação)

No dia 7 de Janeiro próximo, às 11 horas, neste Tribunal e na carta precatória extraída da execução de sentença que, na 4.ª Vara Cível de Lisboa, João Belchior Viegas move contra Maria Beatriz Pereira Alves de Sousa, Rua Ataíde de Oliveira, 126, 1.º, esq.º, Faro, Serafina Perei-

ra Helbling e marido Eng. Carlos Ernesto Helbling, Avenida Álvares Cabral, 40, 6.º, esq.º, Lisboa, e outros, serão postos em praça, para serem arrematados, ao maior lance oferecido acima dos valores a seguir indicados, os seguintes bens penhorados àqueles executados:

1.º — Prédio rústico denominado «Os Passis», sito em Barranco do Velho, Salir, inscrito na matriz sob o art.º 8 295, — 14 240\$00;

2.º — Prédio rústico denominado «Os Passis», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 296, — 1 320\$;

3.º — Prédio rústico denominado «Córrego Brejo do Concelho», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 661, — 760\$00;

4.º — Prédio rústico, no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 662, — 12 440\$00;

5.º — Prédio rústico denominado «Portela Baixa», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 789, — 120\$00;

6.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 795, — 1 840\$00;

7.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 802, — 120\$00;

8.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 864, — 400\$00;

9.º — Prédio urbano denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 837, — 5 880\$00;

10.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 9 091, — 56 120\$00; e

11.º — Prédio rústico denominado «Palheirinho», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 9 091, — 3 120\$00.

Loulé, 27 de Novembro de 1976.

O Escrivão de Direito, João-Maria Martins da Silva

Verifiquei: — O Juiz de Direito, Jorge Mourão Mendes Leão

O preço da crise

A eliminação de tensões no sector do trabalho é, como todos sabemos, essencial à consolidação da democracia em Portugal. Dai que, naturalmente, incidam sobre ele atenções especiais do Governo.

(...) É evidente que os trabalhadores sentem na própria carne o aumento galopante do custo de vida. É evidente que os salários mínimos fixados estão muito longe de corresponder às necessidades. É evidente a discriminação relativamente aos rurais.

Mas iludem-se quantos se deixam embalar pelo chavão segundo o qual «o preço da crise deve ser pago pelos grandes capitalistas e latifundiários», e não por todos nós. Que grandes capitalistas? Que latifundiários? Os agitadores do «slogan» deveriam — como aconselhou o Presidente da República, general Ramalho Eanes — apresentar a lista desses grandes capitalistas e latifundiários presentemente em Portugal em condições de pagarem o tal «preço da crise».

VENDE-SE MORADIA

No sítio do Areeiro, com 1.º andar, boa vista panorâmica, 11 000 m2 de terreno. Informa telef. 25700 — FARO.

VENDE-SE

Uma grade de tractor de marca «Galucho», com 16 discos, em bom estado. Tratar com Jaime Pinto — Alfaroibeira — LOULÉ.

VENDEM-SE

Casas e horta na Campina de Cima, frente à Rua Afonso de Albuquerque. Informa Telef. 62336 —

VENDE-SE

Apartamentos em construção com 3 e 4 assoalhadas na Urbanização Sul, junto à bomba Sacor. Informa no local ou com Manuel Ricardo M. da Silva & C.ª Lda. — Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 56. Telef.: 62449 — LOULÉ.

SURDOS Casa Sonotone

Chegámos à época do Natal, linda quadro do ano para a alegria dos pequeninos e adultos ao vê-los tão felizes com as suas prendas e surpresas. Já pensaram que para os que não ouvem a mais linda prenda é ouvirem bem!... Não hesitem, vão hoje mesmo fazer um exame e uma demonstração que é gratuita para verem o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou marcas. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Pilhas de todas as voltagens, de mercúrio e carvão. Com a vossa visita ficaremos muito reconhecidos nas seguintes localidades:


DIA 28 DE DEZEMBRO — 3.ª FEIRA

LAGOS — FARMÁCIA SILVA — Das 9 às 10
PORTIMÃO — FARMÁCIA CENTRAL — Das 11 às 12
LOULÉ — FARMÁCIA CHAGAS — Das 15 às 17

ou em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L — Telef. 868352

PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-315602



NORTUR/PM-TURISMO

- * passaportes · vistos · viagens
- * voos charter · cruzeiros · excursões
- * reservas de hotéis · apartamentos e vilas
- * bilhetes de avião · comboio e camioneta
- * aluguer de automóveis sem motorista

OS MELHORES PREÇOS NAS AGÊNCIAS NORTUR

→ FARO — R. Cons. Bivar, 43 — Tel. 22908-25303
LOULÉ — Praça da República, 24-26 — Tel. 62375
PORTO — R. José Falcão, 82 — Telef. 310533

A tragédia dos que lutam por uma vida melhor

Pensamos não exagerar se dissermos que todos os concelhos de Portugal acolhem hoje portugueses que residam em Angola e Moçambique, para onde foram à procura de uma vida melhor para si e para seus familiares.

São imensas as potencialidades desses territórios africanos. Podiam dar trabalho, bem estar e prosperidade a milhares de portugueses — sem distinção de raças.

Principalmente os nossos jovens (aqueles que durante 2 anos clamavam alto e bom som para que fossem substituídos pelos soviéticos) poderiam encontrar possibilidades imensas de se realizarem num país que fosse independente — mas não subjugado a tiranias estrangeiras.

Aos angolanos e moçambicanos foi-lhes cantada a velha canção da «Paz, Pão, Habitação» e foi-lhes também prometido que ficariam com a mulher do branco, a casa do branco, a roça do branco e o automóvel do branco: tudo de graça. E o preto, ingenuamente acreditou. Acreditou, mas agora chora com saudades do branco e só agora repara que foi enganado e que, em vez da realização das promessas que lhe fizeram, sente a desilusão duma feroz dependência estrangeira, sente o desemprego, as bichas, a fome, a miséria e vê também que para «alcançar» tudo isto foi preciso arrazar belas cidades e matar muitos milhares de irmãos seus.

Na Metrópole fomentou-se o ódio ao patrão e ao «capitalista» para os obrigar a fugir. Lá, aproveitou-se a diferença de cor da pele das pessoas para... fomentar o ódio racial e obrigar o branco a fugir e deixar o campo mais livre para tenebrosas manobras.

Em ambos os casos, os objectivos foram alcançados, porque se deu cumprimento a um já bem conhecido e maquiavélico programa de destruição da sociedade actual... para a substituir por outra pior.

Um português, que foi testemunha de acontecimentos vividos em consequência daquilo a que desavergonhadamente se chamou de «exemplar descolonização», fez chegar até nós o eco da sua amargura e do seu desespero.

Escreveu retalhos da sua vida com singeleza das palavras puras de quem sente aquilo que viveu, e entregou-nos para que muitos outros portugueses sintam também a angústia dum sofrimento atroz, o desalento dos que teimam vencer na vida, a raiva dos que se sentem impotentes perante o banditismo de monstros com capa de homens.

Lutar e vencer foi uma constante de quem escreveu as palavras que a seguir ides ler.

Que elas sejam meditadas por aqueles que continuam dispostos a cometer os mais odiosos crimes... desde que sirvam os interesses do seu partido.

Meu nome é Joaquim. Tenho 71 anos de idade, sou natural de Figueiró-dos-Vinhos e resido actualmente em Loulé, terra de minha mulher e onde, por ironia do destino, acabei por vir parar.

Feita a apresentação e se me permitirem, vou, não como o Raúl Solnado, porque o caso não é para rir, contar-lhes a história da minha vida, que espero sirva aos mais jovens, para meditarem um pouco, pois um pouco de meditação em nada os prejudicará. Como lhes disse, nasci em Figueiró em 1905. Verifiquei que meus pais pouco ou nada tinham e notei que, da terra onde nasci também pouco poderia esperar e resolvi um dia (quando tinha apenas 17 anos, emigrar para França e procurar uma vida mais ou menos desafogada porque de privações, estava eu então, já saturado.

Ceguei a Paris onde já se encontrava meu pai e um irmão mais velho e como a vontade que levava de trabalhar e de singrar na vida, era enorme, a tudo me dediquei, ganhando honestamente o suficiente para em 1940 possuir uma casa própria, modesta é certo, (mas era minha), um carro e uma pequena moto. Já então, havia casado com a que é hoje minha mulher e tínhamos uma filha que nasceu em 1938.

Vio a guerra e com ela a insegurança, a falta de trabalho, a destruição e a morte de milhares de pessoas.

Por estranho que pareça em situações de guerra ou perante quaisquer

outras calamidades, pelo menos nós portugueses lembramo-nos imediatamente da nossa Pátria, daquele pequeno país onde nascemos e que nos parece ser sempre o refúgio último, capaz de mitigar os males que nos afligem. Pois no auge da guerra, quando em Paris a morte nos rondava a cada momento, lembrei-me da minha terra, que aliás nunca havia esquecido e pensei para fugir a toda a pressa, evitando uma iminente separação de minha mulher e de minha filha, que por azar dez dias antes e com 3 anos de idade havia sido operada de urgência a uma apendicite aguda. Reuní alguns utensílios domésticos de menor volume, escondi alguns francos no corpo de uma boneca, pertença de minha filha e com ela, minha mulher e minha sogra, segui no meu carro para o país onde por sorte consegui que tomassemos lugar num velho barco, que então partia rumo a Portugal.

Adeus emprego, adeus minha casa, adeus carro, adeus, enfim, a 20 anos de trabalho e sacrifícios à procura de uma vida melhor. O que foi essa partida e essa viagem, fugindo aos submarinos alemães, com centenas de homens, mulheres e crianças amontoados nos porões daquela velha carcaça, facilmente poderão calcular. Enfim chegámos a Portugal, onde a guerra ainda não entrara mas os seus efeitos se faziam sentir. Sensivelmente, logo que cheguei e porque minha filha não se lembrou de atirar com a boneca ao mar, dela retirei os poucos francos que consegui trazer, e que na altura em Portugal quase nada valiam, e com eles comprei uma modesta casa em Loulé por 5 500\$00

onde agora resido.

Em Lisboa tentei arranjar um emprego, um trabalho onde pudesse ganhar algo para me manter bem como aos meus familiares, mas só ao fim de muitos meses consegui um lugar na construção da auto-estrada Lisboa-Cascais e depois no Estádio Nacional. Cavei de pá e picareta. Fui carpinteiro e pedreiro (constantemente despedido pois não era conhecedor da matéria), guarda ferramenteiro, eu sei lá que mais eu fiz. Tentei a todo o custo, que me trocassem a minha carta de condução francesa por uma portuguesa mas não só não o consegui, como me obrigaram a ir três vezes a exame tendo apanhado três chumbos consecutivos. Eu que conduzia em Paris, veículos de qualquer tipo e tamanho, via-me afastado definitivamente daquele que fora um dos meus empregos em França: camionista. Como a sorte me era adversa, e a situação económica bastante má tentei voltar a França, onde já o sabia, minha casa havia sido bombardeada, e até isso, o Governo Português me negou. Tinha à data em Moçambique, precisamente na Beira, uma irmã a quem recorri solicitando-lhe uma carta de chamada e um termo de responsabilidade a fim de poder emigrar para aquela província portuguesa, única hipótese que via de fugir à fome e à miséria que então se faziam sentir em Portugal. Um dia chegaram de África os necessários documentos; despedi-me de minha mulher e de minha filha e metendo-me num velho barco, nele segui rumo a uma terra que desconhecia, mas sempre animado das maiores esperanças. (Continua)

NOTÍCIAS PESSOAIS

PARTIDAS E CHEGADAS

— Da Suécia e da Suíça aonde se deslocou em viagens de negócios, enviou-nos as suas amáveis notícias, o nosso prezado assinante e amigo sr. José Manuel Cabrita Neto, Administrador da Firma Teófilo Fontainhas Neto, SARL.

FALECIMENTOS

Em casa de sua residência em Loulé, faleceu no passado dia 13 de Novembro a sr.^a D. Helena da Conceição Gonçalves, natural de Vila Real de Santo António, que contava 87 anos de idade.

ERA MUITO BEM FEITO...

A propósito dos ataques à RTP, quando não apresenta programas de ideologia comunista, em «O País» escreveu-se: «Escusado será dizer que o sr. Castrim será partidário acérrimo da proposta soviética apresentada à UNESCO para tornar responsáveis os Estados pelos seus próprios órgãos de comunicação social controlados oficialmente». E, a rematar, esta ideia luminosa: «E já agora, aqui deixamos uma ideia: não querera, por exemplo, o sr. Mário, ocupar um lugar de adido de Imprensa em Maputo? Era muito bem feito».

A saudosa extinta era mãe da sr.^a D. Marília do Resgate Faisca Tavares e sogra do sr. Dr. Aires de Lemos Tavares.

— Em casa de sua residência na Goncinha, faleceu no passado dia 28 de Novembro o sr. Francisco Mendes Cabeços, que contava 74 anos de idade e deixou viúva a sr.^a D. Maria das Dores da Encarnação.

O saudoso extinto era pai da sr.^a D. Maria José Mendes, casado com o sr. Manuel Martins Murta, sr. Custódio Valente Mendes, casado com a sr.^a D. Lucília Raminhos Laginha residentes na França, e avô do sr. Vítor Manuel Mendes Martins e da sr.^a D. Lealdina Mendes Laginha.

Deixou uma bisneta, Ana Luísa. As famílias enlutadas apresentam sentidas condolências.

Exploração pecuária no Algarve

Homens do Norte, dinâmicos e ousados, estiveram no Algarve e espantaram-se perante a pasmação daqueles algarvios que poderia dinamizar o desenvolvimento do Algarve, mas que se encolhem medrosos.

Parece que quase toda a gente tem agora medo de se meter em empreendimentos que impliquem a aceitação de trabalhadores... que possam vir a auto-denominar-se de «explorados».

Contudo ainda há gente sem medo (principalmente no Norte) e daí a razão de se estar a proceder a uma exploração pecuária de amplas dimensões na região de Alcoutim.

Os empreendedores são de Leiria, mas, como já não há capitalistas em Portugal, 80% do capital é do Estado.

Ao menos assim, aos homens que querem fazer alguma coisa por este país em matéria de alimentação não poderão ser considerados como capitalistas reaccionários e exploradores).

E como a «massa» é do Estado e, portanto nossa, não pode haver reclamações.

O importante é que se faça alguma coisa por este Povo, que precisa de alimentar-se.

Carta a um leitor ingénuo

DAR A OUTRA FACE

(continuação da pág. 1)

insulta os poucos vizinhos que, tendo assistido embora de braços cruzados ao assalto que te vitimou, acabaram por te estender a mão, condoídos do teu desespero, e te ajudaram depois de lhes teres prometido que não cairias noutra.

Dize-me francamente. És capaz de o convidares para a tua desventrada casa e proporcionar-lhe o que te resta do teu lar outrora arruinado e confortável? És mesmo capaz? Pois bem, leitor, isso é contigo!

Mas quando o senhor Boris Ponomarev, autor de um tenebroso plano de aniquilamento de uma Nação é recebido pelas mais altas personalidades dessa mesma Nação e se essa Nação se chama Portugal, então, ah! Então, isso é com todos nós!

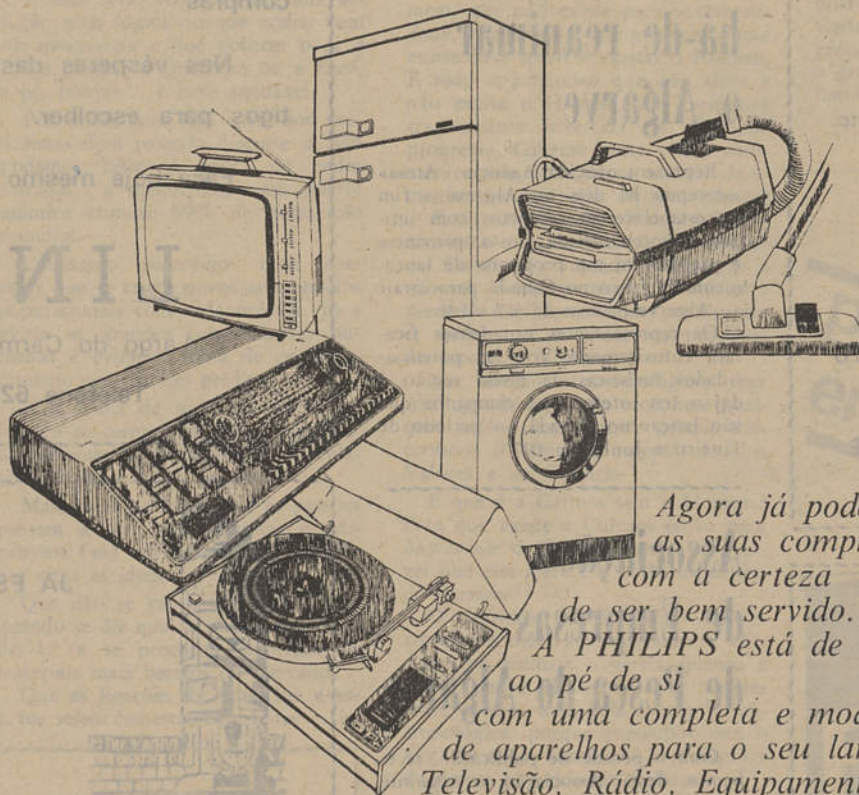
F. Rebello

«NATURA»

Continua a publicar-se regularmente a magnífica revista «Natura», cuja leitura é de extrema importância para quantos desejem conservar a saúde, evitando a doença.

O director é ainda o dinâmico e esclarecido dr. Indiveri Celluci, actualmente com cerca de 80 anos, embora tenha o vigor e o espírito de um jovem de 40 anos, facto que, como havemos de convir, constitui a melhor e mais oportuna propaganda dos ideais que defende e que se traduzem pela saúde através da terapêutica natural, alimentação racional, educação física, campismo e cultura social.

NOVA AGÊNCIA PHILIPS EM LOULÉ



Agora já pode decidir as suas compras com a certeza de ser bem servido.

A PHILIPS está de novo ao pé de si

com uma completa e moderna gama de aparelhos para o seu lar.

Televisão, Rádio, Equipamento Musical, HI-FI, Gravadores, Frigoríficos, Máquinas de Lavar, Fogões, etc., etc. e, além de tudo isto, uma grande variedade de pequenos electrodomésticos da maior utilidade.

Electro-Palma

Av. José Costa Mealha - Telefone: 62025 - Loulé

PHILIPS FAZ PARTE DA SUA VIDA



NÃO HÁ GREVES NA RÚSSIA

No Ocidente, os comunistas empregam todos os meios para o domínio dos sindicatos e intitulam-se únicos defensores dos operários. A utilização da greve na luta de classes é a sua arma mais poderosa contra o patronato, tido e havido como inimigo dos legítimos e humanos interesses do operário.

Curioso é, porém, notar que no sistema jurídico comunista a greve é desconhecida. Por outras palavras. No dicionário político da União Soviética a palavra greve nem sequer é mencionada. O mesmo sucede, por exemplo, no da Polónia.

Realmente, onde quer que o comunismo tenha logrado instalar-se, as greves foram banidas implacavelmente. Na Rússia, a suspensão do trabalho é ilegal. A disciplina no trabalho, ciosamente defendida, não se compadece com essa estranha forma de luta, pretensamente considerada como proveitosa e útil em sociedades de capitalismo privado. «Selvagem» ou «civilizada», a greve é sempre um crime terrível na URSS: «Dias de trabalho perdidos que não são recuperados com horas extraordinárias são punidos com campos de concentração» — reza a norma jurídica mais importante sobre o regime de trabalho na Soviética. Além disso, a própria Constituição da União Soviética estabelece a obrigatoriedade do trabalho. O cidadão é obrigado à obediência, à disciplina e ao trabalho, quer dizer, a greve é contra a Constituição.

É assim que se compreende o silêncio de timulo que chega até nós do mundo comunista acerca das inevitáveis questões laborais e salariais. O Partido e a KGB vigiam pelo rigoroso cumprimento das leis... A greve é para uso externo — instrumento terrível de desagregação social e rui-

na económica, se desonestamente utilizada.

E tanto assim é que ainda há poucos dias o Partido Comunista Português, apresentou à Assembleia da República um projecto da lei que estabelece as grandes linhas de regulamentação da greve e inclui várias normas de garantia do exercício efectivo daquele direito dos trabalhadores, nomeadamente a proibição da substituição dos trabalhadores em greve, o direito de formar piquetes e a proibição de discriminações fundadas no exercício do direito à greve e sua irrenunciabilidade.

Na elaboração deste projecto de lei o grupo parlamentar do PCP declara que teve em conta, fundamentalmente «que, no Portugal democrático de hoje, a greve é um direito irrenunciável da classe trabalhadora, essencial para a defesa dos seus interesses e para a sua intervenção em ordem a assegurar a construção do regime democrático a caminho do socialismo».

Com a apresentação do referido projecto de lei o grupo parlamentar do PCP procura «contribuir para que a Assembleia da República aprove leis progressistas, que respondam aos anseios dos trabalhadores e das massas populares e, ao mesmo tempo, sejam um factor de consolidação do processo democrático».

Está claro que, antes de chegar ao Poder, o PC considera a greve um «direito IRRENUNCIÁVEL da classe trabalhadora», mas em Angola, que é dominada pelo PC (com o nome de MPLA), em Moçambique se dá pelo nome de Frelimo, a «greve, agora, é um crime contra o nosso jovem país, pois só serve os interesses imperialistas».

No entanto ainda há por aí quem ante de olhinhos vedados... só para não ver.

F. A.

MULHERES TRATADAS COMO ANIMAIS

Embora haja quem muito deseje a proibição (ou qualquer outra forma de censura, dos filmes pornográficos, a sua exibição demonstra que «ainda existe neste País quem não se compadeça com paternalismo e falsas questões de ordem moral» — isto, esta miséria jornalística lêmo-la em certa publicação!

O filme pornográfico, que, apesar de toda a louca e desviada literatura que por aí vai em sua defesa, o que é senão a exploração do corpo da mulher? As 3 Marias, uma das quais considerou a «Música no Coração» uma idiotice chapada, ainda não vimos pôr o problema neste pé!

O MDP (Movimento Democrático das Mulheres) que tanto se esforçou em apregoar os direitos da Mulher — que não negamos de maneira nenhuma, a da MULHER com maiúsculas é evidente — porventura não deveria ocupar-se também deste gravíssimo tema da pornografia, do qual no fim de contas, a MULHER sai muito mal ferida no seu corpo, no seu espírito, na sua inteligência, na sua beleza, na sua dignidade? O filme pornográfico é a baixezia levada ao seu maior extremo, às suas mais imundas, desvergonhas: nele, a mulher é tratada como um animal irracional, capaz dos actos mais afrontosos e mais degradantes. Não interessa citar títulos. Eles são sobejamente conhecidos.

O que gostaríamos, isso sim, era que as MULHERES deste País se erguessem numa só vontade em defesa do que de mais puro e mais nobre Deus lhes concedeu e proclamassem, numa voz que se ouvisse em todas as casas de espectáculo, em todas as «boites», em todos os Ministérios, em todas as Escolas, em todo o lado, que não estão mais dispostas a consentir nesta infame exploração de que estão sendo vítimas para gáudio de um público concupiscente.

Está em causa a dignidade das nossas mães, das nossas mulheres, das nossas filhas, das nossas irmãs, das nossas namoradas.

Está em causa o pudor das pessoas que mais amamos.

Está em causa a dignidade do homem como ser pensante.

E contudo ainda há mulheres que assistem impávidas a esses filmes. Nem esboçam um grito de revolta, nem uma palavra de censura e algumas até nem se sentem envergonhadas de estar ali presentes a participar na degradação da mulher, no insulto à sua honra.

E vão ao cinema. Participam no espectáculo da sua própria corrupção. É aviltante.

E esses «heróis» que tanto se insurgem contra a exploração do homem pelo homem, porque não condenam (também) a exploração da mulher pelo homem?

E esses homens que lutam contra o lucro capitalista porque não condenam também, as fabulosas somas que esses autênticos exploradores da miséria humana arrecadam com os filmes por-

nográficos que realizam? Falta de coragem?

Será que não têm mãe? Nem filhas? Nem irmãs? Nem mulher?

Não tem nenhuma mulher que lhes mereça consideração e respeito?

Lembro-lhes este conselho indiano: «...uma mulher mata os desejos em vez de os despertar se divulgar prematuramente os segredos do seu corpo».

MARIA DA FE

NOVO LIVRO DE SPÍNOLA

Está à venda nos escaparates das livrarias, um novo livro de António de Spínola: «Ao serviço de Portugal». Trata-se do primeiro duma série de três referente ao período de Abril de 1974 a Maio de 1976.

FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS DE

BOLO REI NA LOULEPÃO

O MAIS SABOROSO
O MAIS ATRAENTE

Contacte connosco
pelo telefone 62019

LOULÉ



JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO, LDA.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA
O SEU PROBLEMA...

- IMPERMEABILIZAÇÕES:
COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, etc.
- PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUÁRIOS
- ISOLAMENTOS TÉRMICOS:
CÁMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, etc.

Uma equipa de pessoal especializado
encontrar-se-á ao seu dispor

Escritório: Rua Padre António Vieira — LOULÉ
TELEFONE 62 283



AMAZONA

Já está à venda o famoso
«BOLO REI»

«AMAZONA»

(FABRICO PRÓPRIO)

NAS PASTELARIAS E SUPERMERCADOS

AMAZONA

— EM —

LOULÉ — LAGOS — VILAMOURA — VALE DO LOBO

O Turismo há-de reanimar o Algarve

Representantes da Agência «Ateas» estiveram há dias no Algarve a fim de estabelecerem contactos com unidades hoteleiras da nossa província e prepararem um programa de lançamento turístico no Canadá para atrair ao Algarve pessoas da 3.ª idade.

Os representantes canadenses ficaram entusiasmados com as potencialidades turísticas da nossa região e daí o seu interesse na campanha que vão lançar no Canadá no período de Janeiro a Junho de 1977.

Associação de Empresas de Pesca do Algarve

Com o pedido de publicação, recebemos desta Associação o seguinte comunicado:

«Após a publicação dos seus Estatutos procedeu-se no passado dia 19 à tomada de posse dos respectivos Corpos Administrativos.

Congratulam-se os seus associados, pequenos e médios empresários algarvios da pesca da Sardinha e Artesanal, pela concretização desta primeira fase de união e de concretização de esforços comuns para a realização das suas mais prementes necessidades».

A nova Associação, que se propõe lutar pela sobrevivência da pesca, endereçamos as nossas felicitações pela conjugação de esforços que conseguiram reunir para alcançarem objectivos comuns.

Efectivamente é urgente que se resolvam cadentes problemas de pesca no Algarve, antes que seja demasiado tarde.

O Natal aproxima-se

É agora o momento oportuno de fazer as suas
compras.

Nas vésperas das Festas terá muito menos artigos para escolher.

Faça hoje mesmo uma visita à

LINADEL

Largo do Carmo (junto ao Mercado)

Telefone 62619 — LOULÉ



JÁ ESTÁ À VENDA O APRECIADO

BOLO REI

da FÁBRICA LUSITÂNIA DO SUL

Confeccionado nas mais modernas instalações
do sul do país em fabrico de bolos

Contacte com a

FÁBRICA LUSITÂNIA DO SUL

Rua Afonso de Albuquerque, 105 — LOULÉ
(Estrada de S. Brás)

CONSTROEM-SE NOVOS PRÉDIOS EM LOULÉ

A «Revolução dos Cravos» provocou tal revolução no sector da construção civil, que esta quase paralisou em todo o país.

E evidentemente que, o Algarve, e dum maneira geral, Loulé em particular, sentiram os seus efeitos com extrema agudeza e daí o ter-se agravado ainda mais o problema da habitação.

Estavam em perspectivas para Loulé a construção de 2 urbanizações e de muitos edifícios que, no seu conjunto, dariam solução ao problema habitacional de Loulé para os anos mais próximos.

Mas tudo isso parou. E parou face às incertezas da política e ao facto de as ocupações selvagens terem aterrorizado as pessoas ligadas ao sector, na qualidade de investidores, construtores e compradores.

E parada a construção civil, o problema da falta de casas agravou-se e as rendas subiram.

Entretanto os preços dos materiais subiram vertiginosamente e mantém-se sem solução plausível o preço dos terrenos.

É afinal uma dádiva da Natureza, que não tem qualquer intervenção do esforço humano e portanto nada comparável aos custos do cimento, ferro, tijolo, etc.

E assim, devido aos exagerados preços pedidos, mantêm-se por aproveitar excelentes terrenos de óptima localização, forçando os construtores a desviar as suas atenções para os arredores da Vila.

Verdadeiramente especulativo é pedir-se entre 4 a 6 contos por metro quadrado, o que irá encarecer entre 70 a 120 contos por cada fogo a construir.

Para quem nunca semeou uma batata nesses terrenos e paga às Finanças uma contribuição ridícula, bem merecia que o seu terreno fosse expropriado na base de 10% do valor pedido. Era merecido.

A falta de casas em Loulé é de tal ordem que há aqui empregados que só em Olhão conseguiram alugar casa para morar.

Por este motivo há pessoas a viver em péssimas condições e portanto em casas que não oferecem um mínimo de condições a que qualquer cidadão tem direito.

E isto principalmente porque já no tempo da «outra senhora» quase tudo era incrivelmente dificultado, emperado e torpedeado quando se pretendia fazer obra válida para se resolver o problema da habitação em Loulé. Até havia quem dissesse que certos senhores da terra travavam a construção civil com medo que a abundância de casas os fizesse baixar a renda aos seus inquilinos...

Nós agora até acreditamos que isso seja verdade, pois parece-nos ser essa a única justificação para que, no espaço de 30 anos, apenas se tivesse asgardo 2 ou 3 novas ruas em Loulé. Embora com muita astúcia à mistura apenas se permitiu a construção de uma única urbanização.

Entretanto muitos louletanos empregaram milhares de contos em prédios nos arredores de Lisboa por falta (?) de terreno em Loulé para construir.

Nas novas casas cuja construção foi autorizada não houve visão bastante para dar dimensão às ruas onde

a circulação do automóvel pudesse ser facilitada.

Tudo atrofiado e pequenino já uma época em que era previsível o progresso e aumento de circulação rodoviária.

Infelizmente, em vez de alargarmos os nossos horizontes, parece que de novo estamos condenados a ser pequeninos em tudo...

Nada de grandezas que isso cheira a reacionarismo.

Já basta que os grandes senhores, que partilham o mundo entre si, sejam cada vez maiores...

Ora tudo isto vem a propósito da satisfação que sentimos de ver reactivada a construção civil na nossa vila. Aqui e ali já se rasgam caboucos e se erguem paredes em sinal de vitalidade dos mais corajosos.

É verdade que muitos projectos dormem nas secretárias e que muitas ideias válidas se não concretizam, mas já é alguma coisa reparar que está sendo possível fazer, finalmente alguma coisa... vencendo as tremendas barreiras que até aqui foram propositalmente colocadas para que ignóbeis forças do mal quizessem lançar este país.

As construções agora iniciadas são modestas como modestos teremos que passar a ser em tudo.

Somos um país de pequenos e médios.

Passou a época da grandeza dum vasto império «espalhado pelos 5 continentes».

Outros nos substituíram.

Mas que tenhamos agora, ao menos, a consciência de realizarmos trabalho bem feito no pouco e modesto que fizemos.

Não estamos criticando a modéstia dos prédios agora em construção, pois sabemos que já está ultrapassada a época dos arranhacéus.

A tendência actual é para uma maior dispersão populacional em núcleos suburbanos, em casas pequenas com espaços livres e ajardinados para as crianças brincarem e adultos passearem... sem terem que respirar o fumo dos escapes e os ruídos ensurdecadores dos motores de explosão.

E esta será, sem dúvida, uma solução mais lógica do que acabar com os automóveis e que poluem o ar e imos passear a Quarteira ou a Faro, a pé, porque... é mais saudável.

Por muito que isso custe aos saudosistas dum passado distante já não podemos voltar à época da pedra lascada... a menos que uma guerra atómica elimine 99% da população mundial.

Entretanto parece-nos mais coerente que se criem novos aglomerados populacionais com vida própria, para evitar as grandes concentrações humanas e evitar a fobia de enclausuramento nos grandes prédios.

Mas acima de tudo que se façam leis (e se cumpram) para evitar, decisivamente, as escandalosas especulações de antes do 25 de Abril.

Mas, principalmente que as pessoas passem a ser mais honestas e não pensem (só) em termos do dinheiro que cega as ideias.

Que não se venda gato por lebre, quando se diz que os acabamentos são de 1.ª e se procurou empregar os materiais mais baratos do mercado.

Que as ligações da água, luz e esgotos sejam honestamente feitas e fis-

alizadas (durante a construção) por técnicos competentes e criteriosos.

E que a Lei seja implacavelmente cumprida quando esteja em jogo a segurança de pessoas e bens, para que nunca mais neste país haja desmoronamentos de casas... por excesso de areia na construção.

Também não podemos aceitar que ao fazer-se uma instalação eléctrica os empreiteiros e sub-empreiteiros não tenham a consciência de pensar que uma instalação terá que ficar preparada para cargas mais elevadas quando o futuro morador puder utilizar os electrodomésticos que tem o pleno direito de utilizar porque é legítimo cada um de nós sonhar com disfrutar dos benefícios da técnica moderna.

Já é tempo de acabar, neste país, com as coisas provisórias.

Que cada um pague, por aquilo que compra, um preço justo. Sem especulações desenfreadas e sem a permanente desconfiança de que está sendo enganado... só porque não tem outra alternativa.

É tempo de acabar com os abusos, que acabam por ser lesivos aos próprios beneficiados.

M. S.

O COMUNISMO E A DESTRUIÇÃO DO HOMEM

(Continuação da pág. 1)

em perigo a base do verdadeiro Progresso e da verdadeira Cultura.

Está em perigo o Homem. O Comunismo não reconhece essa síntese de valores vitais e espirituais que é a Pessoa. Para aquela primarista concepção da vida, o Homem torna-se apenas como escopo a consecução de fins vitais e materiais (o Espírito resume-se a materialidade superior), o Comunismo destrói o Homem, finalidade de toda a Cultura, para o substituir pela comunidade indeterminada.

Ora em primeiro lugar está o Homem, que não existe para a comunidade, porquanto é a comunidade que existe para servir e exaltar o Homem. E todo o progresso que não sirva e não exalte o Homem será caricatura tragicamente invertida da ideia de progresso. Caberão neste ponto enormes responsabilidades a muitos desumanizantes cientistas contemporâneos.

Estão em perigo os Valores. O Comunismo é a sua teoria gnoseológica. Como se a verdade pudesse ser e não ser ao mesmo tempo! Como se a verdade não fosse, como valor que é, utópica e ucrónica, independente do espaço e do tempo!

No terreno ético-axiológico, essa ideologia bárbara não reconhece qualquer valor, simplesmente porque desconhece o Homem, receptáculo dos Valores e da Cultura.

E que é a Cultura sem o Homem? Para que existe a Cultura senão para humanizar o Homem, senão para fazer que este mereça o nome espantoso de Homem?

O filósofo alemão Max Scheler costumava dizer aos seus alunos: «Estudai os animais e vereis quanto é difícil ser-se Homem». Esta simples frase encerra toda uma concepção antropológica, porque pressupõe que o fim de vida humana é a conquista da Pessoa por meio da Cultura.

E, por amor de Deus, não se confunda Cultura com instrução. Cultura é, precisamente, o sistema harmónico de ideias sobre o Homem, os Valores, a Vida e o Mundo, e é ela que, no dizer de Ortega y Gasset, «salva o homem do naufrágio da existência, é o que lhe permite viver sem que a sua vida seja tragédia sem sentido ou radical envilecimento». E que é afinal Cultura senão locução filosófica? Não é filosofar construir um edifício sistemático sobre a essência e o destino do Homem, do Mundo e da Vida? Eis porque só quem filosofa pode ser culto, no autêntico e único sentido possível desta palavra.

O Comunismo não pode sequer atingir a Cultura, por isso que desconhece a realidade da Pessoa, para apenas reconhecer a realidade individual comum a todos os animais.

O Comunismo é a ideologia dos

NÓS, OS TRABALHADORES

(Continuação da pág. 1)

rios, nem de falar de política — porque a nossa política é o trabalho.

Nós, os que queremos viver em paz para podermos trabalhar em paz.

Nós, os homens que trabalham a terra para lhe arrancar o pão que sacia a fome dos que falam muito e nada fazem.

Nós, os que nem sequer somos anti-qualquer coisa.

Quando é que decidimos unir as nossas vontades, os nossos esforços para fazer prevalecer os nossos direitos e erguer uma barreira intransponível aos bárbaros que nos pretendem preverter e aniquilar como homens livres de um país livre?

Quem, de entre nós, é capaz de ter vagar e a coragem para fazer erguer a nossa voz?

Já era tempo de mostrarmos a força da nossa razão e a razão da nossa força.

Nós, quando nos unimos?

UM AGRICULTOR ALGARVIO

A EXPANSÃO DA VOZ DE LOULÉ

(Continuação da pág. 1)

sua adesão e por isso tomamos a liberdade de publicar os seus nomes:

São os senhores: Custódio Pires, Joaquim Martins Correia, Fernandes Rosa Januário, Pires Maria Júlia, residente em França; José António Guerreiro Cavaco, Octávio Neves do Nascimento e Dr. Armando José Perdigão, Lisboa; Modesto Guerreiro Marum, João Rodrigues Correia, Venezuela; Carlos Alberto Galo Melenas e Gabriel Rocheta dos Santos, Faro; Manuel Carapeto Melenas, António José Monteiro Martinho, Alberto Santa Cruz Ribeiro, Custódio Guerreiro, Jerónimo, Aurélio Custódio de Sousa, António Manuel Inês Fanguero, Manuel Dionísio Madeira, Alexandrino S. F. Amém, Reinaldo Carapeto, Jacinto Guerreiro Matias e Joaquim Marum Murta, Loulé; José Carlos Gomes Leandro, Albufeira; D. Pedrina Rino, Sacavém; Gustavo Luzia, Almodovar; Posto da G. N. R. e Manuel Farias, Quarteira; Algarve Reisen GmbH, Alemanha; Papelaria Viegas, Parda, Viegas & Costa, Almansil.

Entretanto queremos também agradecer a todos os nossos amigos que nos têm indicado nomes de novos assinantes.

CASTRO LUSITANO

- isolamentos e protecções
- pavimentos
- impermeabilizações
- enxertos e podas
- coberturas

um produto que dura e faz durar!

DISTRIBUIDORES PARA O ALGARVE

JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO Lda

Rua Padre António Vieira LOULÉ tel-62283

ZÉNY - PRONTO A VESTIR

Assistência técnica de NETO - Alfaiate

UMA NOVA MANEIRA DE VESTIR

FATOS — CASACOS — CALÇAS

Aprecie a nossa moderna colecção

Tel. 62768

Rua 5 de Outubro, 45

LOULÉ

Exposição de arte no Casino de Vilamoura

(continuação da pág. 1)

conhecido no Algarve (onde trabalha há 19 anos) e consagrado através dos milhares de quadros já vendidos (principalmente para o estrangeiro) e das 62 exposições promovidas.

Especializado em óleos, aguarelas típicas algarvias e aguaforte (cuja técnica é única na Europa) Manuel Oliveira é artista de mérito, cujo valor continua a evidenciar-se, agora, através dos quadros com temas algarvios com que recentemente está decorando o «Hotel Toca do Coelho».

O forte vendaval do 25 de Abril, (que varreu Portugal do Minho a Timor) atingiu também os pintores, os quais sentiram a falta de interesse pelos seus trabalhos.

Certamente por isso Manuel de Oliveira tem estado ausente do seu público, dos admiradores da sua arte.

É, portanto, com satisfação que aqui registamos o facto de Manuel de Oliveira (um nome de que há muito nos é familiar) reatar o «fio» das suas exposições, o que é sintoma de que os portugueses podem de novo ter vagar de pensar também em problemas de arte.

—x—

Rei de Sá apresentará trabalhos de escultura, considerados únicos no género e que se distinguem pelas estranhas formas de magia que consegue imprimir aos trabalhos que executa com mãos de mestre.

«Escultura de meditação» é a expressão que poderemos usar para definir o estilo característico de Rei Sá, cujos trabalhos (muitos dos quais ex-

postos em galerias de Lisboa), têm tido excelente aceitação.

—x—

A jovem São é um nome que ora desponta no meio artístico e que está a evidenciar-se na arte duma tapeçaria cuja originalidade força o apreciador a uma meditação.

O tema «Ilusão» pode dizer-se que é essencialmente cruel, tal a força do impacto que provoca a quem queira aprofundar o seu sentido real da vida.

Algarvia e aluna da Escola de Belas Artes, São está a revelar-se pelo seu amplo sentido de observação dum Mundo cuja existência nem todos nos apercebemos.

—x—

Ao lado do seu marido, Manuel Oliveira, Elsa Oliveira revelará a fertilidade da sua imaginação na criação de pinturas em esmaltes artísticos, com temas particularmente meditativos e de grande profundidade.

Elsa é uma algarvia que sabe aproveitar a sua fecunda imaginação, para combinar, em tintas de esmaltes sobre cobre, a arte, a beleza e a cor num sentido criativo que encanta.

—x—

Leal é também um jovem pintor que vai expor no Casino de Vilamoura uma série de aguarelas típicas algarvias e óleos de paisagens do Algarve, as quais o revelam como artista de futuro na arte a que se dedica com o entusiasmo dos que sentem afecto aquilo que realizam.

Num louável gesto de simpatia para com os artistas que participam nesta exposição, a administração do Casino de Vilamoura oferecerá um cocktail aos convidados que participam no acto inaugural.

Três vivendas a cada lorpa

(continuação da pág. 8)

res, Primeiro Ministro do governo ora no poder, tem uma casa em Sintra e outra no Algarve. Esta notícia deu-nos grande satisfação porque antevemos que depois de consolidado o socialismo em Portugal todos vamos ter três vivendas: duas para férias e outra para não fazer nada. Os incrédulos perguntarão: Mas onde se irá buscar dinheiro para esse luxo todo sem ninguém trabalhar nas fábricas nem nas empresas? A pergunta é ingénua. Não é preciso trabalhar. O luxo de agora e o que antevemos é e continua a ser pago com empréstimos e esmolas do estrangeiro, que o fará com grande devoção e entusiasmo só para ter o gosto de ver um país socialista, negligentemente esparranhando à beira-mar, a gozar as bem-aventuranças do abominado capitalismo.

Todos os que nos governam vivem bem, à boa maneira capitalista. Se não comem lagosta todos os dias é porque já devem estar enjoados. Os da cintura industrial de Lisboa também vivem muitíssimo bem e dispõem de largos capitais. Só eles

consomem dez vezes mais lagostas, lagostins e camarões do que o resto do país. Não é que tenhamos inveja. Não. Até sentimos uma grande satisfação ao lembrarmos-nos de que daqui a algum tempo todos nós, os lorpas, vamos gozar o luxo de ter três vivendas enquanto nos empaturramos gulosamente de crustáceos.

Mas ouve bem Zé Lorpa, Zé Banana, Zé Burro, Zé Cavalgadura: sonhas com vivendas e mariscos? Então abstém-te de votar ou vota no social-marxismo ou social-fascismo.

Desperto de sonho voluptuoso verificarás ao cabo de breves meses que nem palha terás que chegue para todos.

A-dos-Ruivos, 10 de Novembro de 1976.

As eleições e os candidatos

Por lapso de coordenação, faltou mencionar nas listas concorrentes do P. S., os seguintes nomes: José dos Santos Anastácio, da lista de Quarteira; e José de Sousa Pires, de Salir.

Na lista do Ameixial, faltaram os 3 nomes: Abílio Antunes Mártires, Custódio Brás Sousa e José Mateus Narciso.

TABACO



Além de um vício terrível, o tabaco arruina-lhe a saúde. O fumo ataca o coração.

C O T A V E N D E - S E

POR MOTIVO DE DOENÇA QUE O IMPEDE DE TRABALHAR, MANUEL DIONÍSIO MADEIRA, SÓCIO DA FIRMA DIONÍSIO, GONÇALVES & VIEGAS, LDA., PROPRIETÁRIA DA ESCOLA DE CONDUÇÃO LOULETANA, LDA., VENDE A SUA QUOTA.

TRATAR PELOS TELEFS. 62652 e 62302 — LOULÉ.

Morangueiros VENDEM-SE

EM ÓPTIMAS CONDIÇÕES PARA TRANSPLANTAR.

DE BOA QUALIDADE, BOM PREÇO

E EM QUANTIDADES

Contactar:

Viveiros Lusotur, S.A.R.L.

VILAMOURA

OPORTUNIDADE

Por motivos de saúde, trespassa-se grande loja no centro da vila de Loulé. Boa clientela.

Aceitam-se ofertas.

Dirigir M. G. Cachola, ou Telef. 62783 — LOULÉ.

grande exposição de novidades philips para 1977

VENHA VER
AS MAIS RECENTES INOVAÇÕES
DA TÉCNICA PHILIPS
E ESCOLHER AS SUAS
PRENDAS DE NATAL

PHILIPS

Electro-Palma

Av. José Costa Mealha - Telefone: 62025 - Loulé

PATENTE AO PÚBLICO
ATÉ 11 DE DEZEMBRO,
DAS 9 ÀS 13, DAS 15 ÀS 19 E DAS 20 ÀS 23 HORAS



Assim vale a pena

(continuação da pág. 1)

que a uma repartição qualquer e se diga: «Faça a busca, está nos livros!».

É óbvio que não considero que estas minhas palavras sejam lidas, e este meu apelo directamente atendido, por aquelas pessoas que chegam e indicam, vagamente, para repetir o exemplo dado, que «deve ser por volta de 1923 ou 1927». Mas creio que perto delas haverá um parente, um amigo, um procurador, mais esclarecido, que lhe poderá dar uma ajuda.

Seria de toda a conveniência que lhe desse sempre, de modo que todos os interessados nos Serviços Públicos, quaisquer que eles sejam, antes de buscar nas repartições (e não apenas do Registo Civil), buscassem na sua própria lembrança ou na dos documentos de que eventualmente disponham. Quantas vezes um funcionário gasta uma manhã para encontrar um elemento que o interessado tinha referenciado na certidão esquecida entre os papéis enrolados no fundo do seu próprio bolso?!

Seria isto admissível? É evidente que não, até em termos económicos. Se os Serviços cobram (quando for caso disso, por exemplo no Registo Predial) 5\$00 por uma busca; se o funcionário gasta meio dia com a busca, é fácil de ver que esta pode ficar dezenas de vezes mais cara do que o seu custo.

Mas mesmo que o tempo despendido seja de poucas horas, basta meia dúzia dessas buscas evitáveis por dia para se perder todo o tempo de um elemento de trabalho de uma repartição que por hipótese até pode apenas dispor de mais um ou dois. Quer dizer, as buscas absolutamente evitáveis, devidas a mera negligência, podem levar (e infelizmente muitas vezes levam) à perda de 1/4 de todo o rendimento do trabalho de uma repartição. E agora multipliquemos este desperdício pelo número de repartições do país em idênticas circunstâncias e teremos um panorama desolador.

Não quer dizer que uma repartição pública seja regida pelas regras de uma empresa destinada a dar lucro. É preciso ficar bem claro que não é essa, ou qualquer outra semelhante, a questão que se põe. O que se diz é tão somente que se torna inaceitável que a negligência de alguns utentes prejudique a economia nacional e o bom andamento dos serviços, obrigando a buscas absolutamente desnecessárias, ou mais demoradas do que o estritamente indispensável.

E a par deste aspecto, há outro de não menor relevo, qual é o do cansaço, da amargura, porventura da própria frustração, que ao fim de um dia de trabalho, e de outro, e outro, o pessoal vem a sentir por verificar que o seu esforço não rende, porque podia ter sido evitado da pura perda e canalizado para outro serviço. Também creio que não haverá ninguém sensato a quem deixe indiferente este aspecto, o aspecto humano, do mesmo problema.

Ou será que certas pessoas que rem experimentar, a ver se os livros têm lá os elementos de que carecem? Para esses valeria declarar que nada adiantam com a experimentação, uma vez que bem podem a *posteriori*, comodamente, sempre certificar-se do que pretendem.

E uma de duas: ou aquilo de que precisam é de uma informação verbal, e nada perdem com a celeridade e tudo ganham, designadamente se se trata de iniciar qualquer processo; ou aquilo de que precisam é de uma certidão autenticada, e essa vale tanto se for passada com a ajuda prévia do interessado como sem ela... Digamos mesmo que no primeiro caso até vale mais, pois chegará mais depressa ao seu destino. Há alguém que duvide do velho ditado de que «a candeia que vai à frente alumia duas vezes»?

Estas são, pois, as considerações que me foram sugeridas ao correr da pena, reatando uma velha colaboração. Seria bom que do processo de aperfeiçoamento iniciado resultasse a compreensão generalizada para a necessidade de colaboração com as repartições, particularmente neste aspecto das buscas — já que noutros até são notórias a compreensão do público e a sua paciência e mesmo complacência.

E tudo dentro da trilogia que temos que ter sempre presente e sem a homogeneidade da qual nada de positivo pode ser levado a cabo na matéria: o dirigente que sabe orientar, o pessoal que sabe trabalhar, o público que sabe colaborar.

R. G.

Instituto Universitário de Faro

(continuação da pág. 1)

concerne ao aproveitamento, considerados plenamente satisfatórios pelos professores que ministraram as cadeiras dos diversos cursos. E tanto mais satisfatórios se podem considerar se se atender aos condicionamentos provocados por dificuldades de toda a ordem, ultrapassadas, contudo, pelo grande entusiasmo que sempre animou e congregou nos melhores laços, docentes e discentes.

Neste novo ano lectivo que se inicia, o Centro continuará a desenvolver a sua actuação, sendo de assinalar, desde já, o apreciado número de novas inscrições para o 1.º ano.

Creemos que o sr. Governador do distrito e as autoridades municipais estarão perfeitamente conscientes da necessidade premente, vital, que o Algarve tem, de ser dotado com a implantação de Estudos Superiores, e da importância que a adopção efectiva de tal medida assumirá para a nossa Província.

Ninguém ignora que muitas capacidades deixaram de se desenvolver, ou de desabrochar em plenitude, anquilosadas por virtude das limitações impostas pela obrigatoriedade de estadia (incorporável do ponto de vis-

Ainda a estrada para Lisboa e os acessos ao Sotavento do Algarve

(continuação da pág. 1)

quele pesadelo da travessia do Caldeirão, feito pelas cumeadas da serra.

Em 1968 e ante o enorme e vultoso custo da sua regularização e pavimentação, lembrou-se e, muito bem, a Junta Autónoma das Estradas de abrir uma variante àquele troço, que correndo pelas vertentes e vales entre Salir e Almodôvar, se poderia economizar quer na construção quer na distância, não só quilómetros como alguns milhares de contos.

E foi então feito um estudo prévio que substituindo aquele e que corresponderia a uma sensível melhoria de trajecto, sobretudo em termos de comodidades, mais baixo custo e encurtamento de distâncias.

Pode-se ir hoje já de automóvel de Salir a Almodôvar, porque os antigos caminhos dos «almocreves» eram estudados pelos percursos mais rápidos e menos declivosos. Claro que não aconselhamos ninguém a fazer este trajecto, embora do lado de Almodôvar já exista uma estrada até ao limite do concelho de Loulé, no sítio dos Cravais. Mas a carreteira que de Salir nos leva até lá, nada mais tem que uma espécie de terraplanaagem, sem macadame, nem qualquer das características essenciais para uma estrada cómoda e livre de pó.

Este trajecto encurta a distância entre Loulé ou Faro em cerca de 30 quilómetros, do que pela actual variante em mau estado de conservação, até Almodôvar.

ta económico) nos únicos três centros universitários existentes no País — Lisboa, Coimbra e Porto, tão longínquas das terras sulinas — para quem desejava alcançar-se a uma carreira de nível superior.

Tal situação repercutiu-se, negativa e inexoravelmente, na vida da Província, forçando-a a quedar-se num estadiário de subaproveitamento das suas gentes e das suas potencialidades naturais.

Que se produzam, que se formem, aqui, no Algarve, os técnicos, os engenheiros, os economistas, os médicos, os investigadores, os professores, os juristas, de que estamos carecidos e necessitados. Cada região apresenta-se distinta e diferenciada das outras: possui particularismos próprios e manifesta problemas específicos. São os indígenas, naturalmente, os que, em dimensão verdadeira, os compreendem e os sentem, e, consequentemente, são, também eles, que se encontram mais habilitados para os enfrentar e lhes dar a resposta adequada encontrando, ao mesmo tempo, as melhores soluções para a sua efectiva resolução. Isto traduz uma verdade tão evidente que, por certo, a ninguém ocorrerá pô-la em dúvida!

O Algarve consubstancia-se agora, dentro do contexto da Nação, e com a força legal que a Constituição lhe confere, como uma Região-plano, o que lhe faculta capacidade de movimentação própria nos sectores administrativo e financeiro.

Esta realidade trará fundamento às esperanças dos seus filhos, tantas vezes sucumbidos perante a fria indiferença dos governantes do antigo Regime?

O Minho já tem a sua Universidade. Évora, também. Aveiro, igualmente.

Seremos nós, algarvios, batidos mais uma vez, nesta velha e justíssima aspiração? Tem a palavra o sr. Governador do Distrito. Tem a palavra os responsáveis pelas autarquias locais. Tem a palavra o Povo Algarvio!

MÁRIO ALONZO

APENAS 3...

Em conversa de desabafo com um amigo, dizia há dias um «progressista» que tinha bastado ele e mais 2 camaradas para «arrumar» a empresa onde trabalhavam.

— E agora o que fazes? perguntou o amigo.

— Sou sindicalista e ajudo os camaradas a «arrumar» as empresas onde trabalham.

OS ERROS DA NOSSA «REVOLUÇÃO»

Diz-se e repete-se até à saciedade que a Imprensa estatizada custou mais de meio milhão de contos a «todos os portugueses».

(...) De resto, seria útil dar a conhecer ao público já que tanto se fala nos jornais, a extensão e o custo dos serviços de informação do Estado, quer dos que se encontram concentrados no Palácio Foz, quer dos que se encontram espalhados nos vários ministérios, com uma utilidade inteiramente duvidosa.

(...) Poderíamos também estabelecer paralelos: falar por exemplo da inconcebível história dos caminhos de ferro e dos seus 40 000 agentes em que erros de cálculos levaram a distorções salariais que chegariam a ser cómicas se não fossem trágicas, e que causarão este ano um défice provável superior a milhões de contos, apesar do aumento de tarifas que tornou os combóios portugueses dos mais caros da Europa.

Poderíamos falar de muitas outras coisas e perguntar depois se é apenas a Imprensa que custa dinheiro aos portugueses. Em face de certas médias salariais que se praticam em determinadas indústrias, os jornalistas são hoje uma classe de sacrifício injusto. Quando funcionam devidamente, com números e estatísticas públicas, o Instituto Nacional de Rendimentos e Preços, tornar-se-ão mais claras a justiça das reivindicações sectoriais, quem são as classes que pagaram e pagam o défice nacional e quem são os beneficiários do desastre económico e financeiro português.

(De «A Capital»)

Os assaltos continuam

Desta vez a vítima foi a Casa dos Pescadores de Albufeira.

Dois indivíduos com o rosto coberto e armados de pistola Walter, obrigaram o empregado (que depois fecharam no quarto de banho) a entregar-lhes todo o dinheiro ali existente: 45 contos.

Os ladrões arrancaram depois a grande velocidade num BMW, em rua de sentido proibido.

Rapidamente saíram de Albufeira sem deixar vestígios, apesar de o empregado da Casa dos Pescadores ter conseguido chegar imediatamente à rua.

A matrícula do carro era falsa.

Carnaval no Algarve

(continuação da pág. 1)

Comissão Regional de Turismo do Algarve, com o apoio da Secretaria de Estado do Turismo, tem vindo a efectuar uma série de reuniões e encontros de trabalho com variados sectores para que efectivamente o Carnaval de 1977 seja um autêntico cariz de toda a província do Sul. Comissões organizadoras dos cursos, clubes desportivos, sociedades recreativas e outras instituições, assim como

unidades hoteleiras e similares estão dando o melhor contributo para que surja um programa vasto e variado. Assim e além dos tradicionais cursos carnavalescos em Loulé, Olhão, Moncarapacho e Vila Real de Santo António preparam-se outras manifestações numa vasta gama de opções. Por outro lado o «Carnaval no Algarve-1977» será motivo de uma vasta campanha promocional no País e no estrangeiro.

TECNIPNEUS

ARTUR CONDINHO e GUERREIRO

Recauchutagem - Vulcanização
Calibragem em 5 Minutos
Assistência completa

★

PNEUS: FIRESTONE - SEMPERIT - KLEBER
SEIBERLING - MABOR GENERAL

★

Rua Azevedo e Silva — Telef. 62397 — LOULÉ
(4-1)

BRANDYMEL

BRANDY CREME ARISTOCRATA DE MEL

CENTRIFUGADO E FRUTOS DESTILADOS

HÁ VÁRIAS EMITAÇÕES MAS NÃO O IGUALAM

PROVE QUE RECOMENDARÁ O BRANDYMEL

INDÚSTRIAS CRISTINA

PORTIMÃO

Vai caíndo a máscara...

Logo após o 25 de Abril, desencadearam-se em Portugal variadíssimas «formas de luta».

Uma das mais ferozmente desenvolvidas incidiu sobre as tais multinacionais que... exploravam os trabalhadores portugueses, etc., e tal.

Portanto, era urgentíssimo acabar com as multinacionais e lançar para o desemprego centenas de trabalhadores... por culpa dos capitalistas.

O partido de Moscovo conseguiu os seus objetivos e as multinacionais quase acabaram... para dar lugar às multinacionais... soviéticas.

Exemplo típico é a já célebre agência de navegação «Aminter» que, segundo recente comunicado da Associação dos Agentes de Navegação, «aumentará os prejuízos das empresas nacionalizadas e a falência sucessiva de pequenas e médias empresas privadas que empregam 5 000 pessoas».

No final da conferência de imprensa, justificada pela existência da nova multinacional soviética foi também referido «não existir qualquer má vontade contra qualquer país — seja ele qual for — que pretenda investir em Portugal, desde que a sua actividade não colida com a legislação que nos rege e se assegurem sempre condições que evitem a criação de novas situações monopolistas».

É curioso notar que, na mecânica das multinacionais soviéticas, não haverá «exploração do homem pelo homem», como era praticado em Portugal pelas multinacionais dos países ocidentais que davam trabalho a milhares de portugueses.

«DIÁRIO DO ALENTEJO»

Devido a dificuldades económicas, resultantes de dívidas à Banca e à Caixa Geral de Depósitos no montante de 12 000 contos, o «Diário do Alentejo» esteve suspenso durante largos meses.

Fundado em Beja, há 45 anos, o «Diário do Alentejo» reaparece agora subsidiado pela Secretaria de Estado da Comunicação Social, mantém a mesma equipa redaccional, sob a direcção do Dr. Henriques Pinheiro e o jornalista José Moedas na redacção.

Diz manter a orientação anterior: antifascista, anticapitalista, antilatifundista, antiimperialista e anticolonialista, embora se declare independente e apatidário.

Falando de golfe

O público merece ser esclarecido acerca do golfe, esse desporto tantas vezes caluniado, mas sempre desporto.

De elite?

Não só.

Será que só os «trabalhadores» têm direito a praticar os desportos da sua preferência?

Sou profissional há mais de 10 anos e, nesta condição, e não na de jornalista, sinto-me habilitado a falar de golfe até porque conheço o real valor da modalidade que pratico.

O que certas pessoas dizem é que este desporto é jovem em Portugal e que não serve nem pode servir o Povo e o País. Pensar assim é errado, informar assim é mentir. O desporto é desporto, quer seja novo ou velho. O desporto serve sempre o país que o pratica.

O golfe é praticado em Portugal desde fins do século XIX. Foi «importado» por famílias inglesas que se radicaram em Portugal quando do incremento da exportação do vinho do Porto.

Muitos ingleses que nos ajudaram a combater as forças napoleónicas, e aqui ficaram e constituíram família, introduzindo assim a prática do golfe no nosso país.

Quanto à segunda balela de que «não serve o país» também é falso, visto que muitas centenas de turistas de todas as idades e classes vêm anualmente jogar o Golfe, tendo Portugal grangeado fama internacional pelo relvado e traçado bem delineado dos seus campos, num país em que o sol é das grandes riquezas nacionais... embora o «nosso» sol não ilumine o Planeta.

Isto pela simples razão de que o trabalho é todo executado pelos navios (deles) que «trazem e levam» aquilo que importamos e exportamos, não dão trabalho a estrangeiros, logo não exploram os nossos trabalhadores...

Tudo limpinho tudo legal, tudo lógico.

E assim se acaba com a degradante «exploração do homem pelo homem». Nada disto é de estranhar; o programa está a ser cumprido.

E vá lá que nós ainda podemos escrever isto. Estas palavras escritas (agora) num jornal de Luanda deviam dar «direito» a fuzilamento (e não só).

E digam lá que os nossos amigos (?) russos não são espertos...

M. A.

Um dia de Outono em Quarteira

Pelo Dr. MAURICIO MONTEIRO

O panorama das ondas a desfazerem-se, uma após outra, numa estranha sinfonia, com a oferta das mais variadas rendas aquáticas, batendo de encontro às rochas alcantiladas como se as quizesse dissolver na sua líquida imensidade, constitui um alucinante quadro, fonte de evasão das nossas angustiosas preocupações. Esta perspectiva vista de um ponto alto a dominar os cinco espigões, avançando mar-dentro, quando os ventos da preta-mar lhe encrespam as águas, ou em horas de vendaval com as ondas revoltas a querer submergir a terra que se lhe opõe à sua marcha agressiva e dominadora, o quadro oferece-nos então uma forte atracção visual que nos prende por algum tempo numa sugestão contemplativa e temerosa.

Este trecho da costa de Quarteira sugere-me e traz-me à colação esta curiosa observação obtida através da costa algarvia até Sagres.

Verifiquei que em dias calmos e luminosos, sem ventos, toda a costa virada ao sul, o mar se nos mostra tranquilo, a atmosfera lavada e resplandecente de uma transparente luminosidade. Mas ao olhar

ASSIM VAI QUARTEIRA

TEIMOSIA-OPORTUNISTA?

Quem conhecer Quarteira, certamente terá reparado nas curvas e contra-curvas de estreita faixa, existentes nas proximidades da Igreja. Sem dúvida inadequadas ao tráfego dos nossos dias e pouco próprias duma terra que o destino caprichou em fazer crescer.

E tanto se tem desenvolvido que há mais de 12 anos se fala na imperiosa e urgente necessidade de se construir uma estrada que evite o trânsito através das movimentadas e estreitas ruas de Quarteira: a já célebre estrada de penetração!

Um estrada que seja a ligação directa E.N.-Avenida Marginal e, simultaneamente, uma nova via de expansão a novas urbanizações!

Pois essa estrada, que durante anos mais não foi do que projecto e cuja construção era travada por teimosas aberrações de quem na Câmara de Loulé (e não só) não se interessava pelo progresso de Quarteira... ou apenas estava interessado em «aproveitá-la» para se «aproveitar», essa estrada dizíamos, esteve prestes a ser iniciada em 1973.

Mas tudo foi destruído, como quase sempre, pela teimosia e pelos interesses pessoais de quem manda e que aproveita esse mandato para exigir alguma coisa em troca de alguma coisa...

Surgiu então o 25 de Abril. Os novos gestores da Câmara Municipal de Loulé, ciosos de razão e conhecedores das aspirações de Quarteira lançaram mãos à obra, indo ao encontro das talvez justas exigências do sr. Mendes, que só aceitava a destruição de parte do seu pomar, nora e vacaria, em troca de uma urbanização em ambos os lados da estrada, o que representava nessa altura, um cheirinho de vacas-gordas, de largas centenas de escudos cada metro-quadrado.

Tudo combinado. Tudo certo. Até já havia o dinheiro para a estrada, e, «bumba»; é dada a obra de empreitada por oito mil contos... porque se fez confiança em alguém, porque se acreditou na sinceridade de homens com mais de meia centena de anos! Os tempos mudaram, deixou de

haver interesse na construção. As vacas emagreceram e, é o sr. Mendes a não estar de acordo mais uma vez. Chorou até conquistar a compreensão dos novos gestores municipais, até a nova combinação, que foi acertada (?) com uma curva na estrada para poupar o pomar do pobre-Mendes, coitadinho!

Entretanto, é o Município que fica em apuros, e para evitar indemnizações, para criar tempo suficiente para a resolução deste problema, entrega como era lógico os arruamentos da zona dos Cavacos ao mesmo empreiteiro. Bastantes meses decorreram e tudo parecia «O.K.».

Mas não! E o sr. Mendes que começa por lhe cheirar a talhões por alto preço, volta à primitiva forma! A estrada só será feita, passando pelo pomar, com autorização urbanística para construção de moradias, etc., «porque no que é meu, mando eu. Porque os tempos são outros e contra isto mais nada»!

O que dizer a isto, meus Senhores? Será que Quarteira tem que depender deste coitadinho teimoso? Será que no futuro esta terra tem o direito de erguer uma estátua de homenagem a um seu cidadão, só porque a sua teimosia fez história? Não creio, nem poderei acreditar na possível importação de paciência para resolver casos como este.

MIRACULO

TRÊS VIVENDAS A CADA LORPA

Por TEÓFILO MARTINS PRATA

O País está parado, suspenso. Só os partidos políticos fazem afanosamente o seu trabalho de sapa. O povo,

Obras no Tribunal de Loulé

Com a alegação de que «a Câmara não tem verba» foram proteladas, durante cerca de 30 anos, obras importantes que há muito se impunham como absolutamente urgentes para melhoria das instalações do Tribunal de Loulé.

Era bem visível o estado de abandono a que o Tribunal de Loulé esteve votado durante tantos anos.

Incomodidades para os funcionários e para o público eram uma constante notoriamente acentuada, o que nada significava a justiça que ali se praticava.

«A Câmara não tem verba» serviu de pretexto para a não realização de pequenas ou grandes obras que era preciso fazer.

No entanto, isso serviu, finalmente, de pretexto para que insistentes pedidos da parte do Tribunal de Loulé levasse o Ministério da Justiça a destinar a verba de 662 600\$00 para a realização de obras que, ainda assim, alguém quiz fazer protelar a ponto de se perder a oportunidade dos 2 meses de férias judiciais que facilitaram imenso a rápida conclusão dos trabalhos.

Arrumado esse travão, ainda surgiram outros mais confusos que nos abstermos de comentar... por complexas e inexplicáveis.

Agora, o importante é que o Tribunal de Loulé se apresenta de cara lavada... sem que a Câmara de Loulé tivesse dispendido alguns escudos do seu orçamento.

O velho ditado: mais faz quem quer do que quem pode, tem plena aplicação na solução do problema do Tribunal de Loulé.

A. N.

(continua na pág. 6)

E da Goldra quem se lembra?

Muito recentemente foi publicada neste jornal uma relação de nomes de sítios vizinhos de Loulé que vão ser electrificados.

Entretanto, o sítio da Goldra, que fica quase dentro da Vila, continua esquecida pelos que têm a seu cargo a electrificação do concelho de Loulé.

Satisfeita a sua velha aspiração de ver alcatroada a estrada que lhe dá acesso, a população da Goldra pretende agora ver realizado o seu sonho de poder dispor de energia eléctrica em suas casas.

E ao fazer eco desta aspiração, «A Voz de Loulé» dá satisfação a um pedido que lhe foi feito e chama a atenção da Câmara de Loulé para que não se esqueça da... Goldra.

Os pequenos também são gente...

António Barnabé